ANNO I — CAPITAL FEDERAL 26 DE NOVEMBRO DE 1898 — N. 42

ESCRIPTORIO E REDACÇÃO
N. 11
Travessa do Ouvidor
1º Andar

NUMERO AVULSO
100 réis

O Rio-Nú

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
Ás quartas e sabbados

NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES

Sachristão, Bock, Le Petit, Reporter, D. Satan, Martin I, Beatino, Lucas Tavares, Frei K. Baço, Chico Bola, Edison, Ricaneur, Julião Valdemar, Piparote, Dona Fina, Mané, Gregorio Junior, Thereza a Casta, Bock-Bier, Vosso Criado Mathias.

DIRECÇÃO
DE
Heitor Quintanilha, Gil Moreno
e Váz Simão

Assignaturas para a Capital e Estados

Anno .... 12$000
Seis mezes .... 6$000
Extrangeiro anno .... 25$000

TERCEIRO CONCURSO

Resolvemos abrir permanentemente um concurso quinzenal para trabalhos em verso e trabalhos em prosa. Os trabalhos em prosa nunca devem exceder um maximo de cincoenta linhas nem ser inferiores a quarenta. Os em verso um maximo de quarenta e um minimo de doze. Os auctores dos dous trabalhos classificados em primeiro logar pelo seu espirito, (um em prosa, outro em verso) terão um premio de

VINTE MIL RÉIS

Todos os originaes devem ser assignados com um pseudonymo e n'um *enveloppe* fechado, á parte, acompanhal-os-ha uma declaração do pseudonymo, do verdadeiro nome do auctor, residencia e do titulo do trabalho, na parte externa do *enveloppe*.

Os trabalhos publicaveis sel-o-hão á proporção que forem chegando, sendo entretanto respeitados os *enveloppes* que trouxerem as declarações pedidas, e que só serão abertos uma vez terminada a publicação dos trabalhos.

Conhecendo o publico o valor d'estes, tão bem quanto nós, poderá verificar a justiça com que procederemos na classificação.

Assim, fica aberto o terceiro concurso, que será encerrado no dia 30, ultimo marcado pelo jury, para recepção dos originaes.

Para collaboradores dos Estados serão respeitadas as datas dos carimbos do correio.

Em vista do pequeno numero de concurrentes que se apresentaram para o Segundo Concurso Quinzenal, resolvemos aproveitar os trabalhos que nos foram enviados, no julgamento do terceiro concurso, que se encerra no dia 30 do corrente.

TELEGRAMMAS

Serviço especial de todos os outros jornaes e commentario tambem especial do "Rio Nú."

LONDRES, 22.—O Sr. Harmsworth, proprietario do «Daily Mail», subscreveu 1.000 libras sterlinas para a expedição ingleza ao pólo antarctico.

— Mil libras!... Sim, senhor! Ponham lá 60 réis que alguem esqueceu no balcão do nosso escriptorio.

LONDRES, 23. — A celebre cantora Adelina Patti casa-se em fevereiro proximo, com o sueco barão Cederstrom.

— Ella cantou, elle cahiu... E' a cousa mais natural d'este mundo!

ROMA, 23. — Suicidaram-se hontem nesta cidade dous moços das familias Ascoli e Rossi. Eram estudantes, e foram levados a este acto de desespero por se acharem apaixonados por uma mesma moça.

— Dous cegos a uma porta! Sahiram ambos sem esmola, quero dizer, sem vida.

MADRID, 23.— O Sr. Sagasta declarou que no caso de Cuba não pagar as respectivas dividas a Hespanha entrará em accôrdo com os credores, afim de satisfazel-as.

— O diabo é se o Sr. Sagasta se agasta com os *calotes*.

MADRID, 23. — Acredita-se que Cuba pagará as dividas contrahidas pela ex-metropole com garantia das rendas das alfandegas da ilha.

— Não é muito commum isso! A filha vai pagar as dividas da mãi.

MASSOUAH, 23.—Noticias do interior dizem que o Ras Mangacha proclamou-se rei. As hostilidades contra o exercito de Menelik serão violentissimas.

— Já era *ras*: Fez-se *rei*. Questão de duas lettras.

PARÁ, 23.—Nos ultimos dias houve deficiencia d'agua para consumo publico.

Verificando que o manancial Utinga diminuiu de volume, devido ao excessivo verão, foi providenciado para hoje se fazer a captação no Igarapé Uoiussuguara, afim de augmentar o volume de Utinga e regularisar o abastecimento.

— Para augmentar o volume nós usamos aqui um processo muito mais facil... Mais facil e mais rapido.

S. PAULO, 21. — Desde manhã chove quasi ininterruptamente.

— Pudera não! Tem lá havido tantos banquetes!...

S. PAULO, 22. — O carro seguia a passo, estando o Dr. Prudente e o coronel Prestes de pé.

Em frente ao edificio do grupo escolar do Braz, na avenida Rangel Pestana, de entre o povo que a enchia, um grupo tentou desatrelar os animaes, sendo impedido pelo Dr. Prudente.

— !!!...

CAMPOS, 23 — A' cidade está calma e a camara Abelardo continúa a exercer todas as funcções com o seu pessoal.

— Ora graças a Deus!!

RECIFE, 23. — A imprensa tem insistido no pedido de providencias ao governo contra o monopolio dos marchantes.

— Coitadinhos delles!!

CORITIBA, 15.— Percorrem, andrajosos e famintos, as ruas desta cidade, mais de 300 homens dispensados do serviço militar pelo governo federal, e em atrazo de dous mezes de soldo.

— A gloriosa data de hoje tem sido dignamente festejada.

— Decididamente é um festejo muito bonito! 300 pessoas em farrapos e rôtas de fome.

Edson.

Semana despida

Uma semana terrivel
A semana que hoje finda,
Vamos vêr, quanto possivel,
Quem esteve na berlinda.

***

Começa a cousa, senhores,
P'lo tal Antonio Pinheiro,
Cavouqueiro dos amores,
Malandro velho, estradeiro.
Solteirão de veia antiga,
Possuindo mais que juizo, desatino,
Vivia só nesse abrigo,
Da rua do Camerino.
Ao pé delle uma velhota—
De muitos, muitos janeiros—
Que usava capa e capota
Rezava dias inteiros,
No pello dos dois pombinhos,
O coração já dormia;
Era qual, se não fossem dous visinhos,
Quer viesse a noite, quer corresse o dia,
Ella passava as horas costurando
Calças e saias, todo um dia inteiro;
Elle passava os dias cavoucando,
Porque era cavouqueiro.
Sómente á noite voltava
O bom do tal solteirão;
E era então que ella afixava
Da costura a obrigação.
Desde essa hora, lado a lado,
Cada qual no quarto seu,
Os dous tombavam sempre de bom grado,
Ou na cama, ou nos braços de Morpheu.
A vida assim lhes corria,
Com tristeza e sem tristeza,
Se os visinhos não tinham alegria
Da tacto elles tambem não eram presa.
Dos amores já esquecidos
O coração lhes dormia,
Tal qual si delles fossem desprovidos
Quem diria!
Um dia, de assalto,
O diabo acordou
E o moço, n'um salto,
Da cama pulou.
No quarto, a mulher,
De só pé se atropella,
Buscando acordar
Tambem os da delta.
Aqui foi que a roda
Se desatinou.
Pois que a velha acorda,
Porém, o coração em somno lá ficou.
— «Benzinho abre a porta
Ao teu cavouqueiro!»
Mas a velha resiste, a venta estorcia,
E o homem quiz á pulso... que rastreiro!
....
Publio nisto. Conclusão:
Houve uma grita infernal
E o romance acabou mal
Pinheiro foi parar na Detenção.

Este facto merece um commentario,
Conselho aos meus leitores eu vou dar:
Agarrem-se aos geladas e ao rosario,
O coração não deixem despertar.

***

Agora uma pergunta, em phrases frias
Salta de cá do fundo do meu caro,
Quando é que, á rua do Gonçalves Dias,
Taparão o buraco?

***

Já vai extensa a minha versalhada
Vou fazer uma prece a ti, Senhor:
Manda, si é grado teu, dar-me pancada,
Mas, não me faças oh! Santo Deus, por nada,
Soldado portuguez do *Almirante*.
Morrer da tanta festa
Era fatal, meu Senhor,
De mãos juntas imploro o teu favor,
Não me faças, que é feio, pois tudo o attesta,
Soldado portuguez do *Almirante*!

Heitor Quintanilha.

NÚ E CRÚ

Todos os jornaes desta capital noticiaram o caso desse tal Antonio Pinheiro da Silva, cavouqueiro de profissão, que, na rua Camerino, tentou forçar uma velha á pratica de actos que ella esquecera ha muito tempo.

O facto está no dominio publico e quaesquer condemnações que fizessemos a esse transviado seriam superfluas: todo o mundo já o tem de sobra condemnado. Pois bem, nós, que não somos da opinião de todo o mundo, pedimos para o tal Antonio Pinheiro da Silva não a pena que pensam em lhe dar— isso seria vulgar e corriqueiro—mas a vera e terrivel pena de Talião.

Meu caro Sr. Antonio Pinheiro da Silva, amor com amor se paga. Essa phrase tem neste caso dupla applicação: em primeiro logar, porque a pena é justa, em segundo logar porque se trata precisamente do amor. Verdade seja que esse amor é amor de cavouqueiro, amor a pulso e a dentadas.

Calculem se a pena que propomos fosse effectivamente applicada ao *gajo*, como não se veria elle bambo. Em primeiro logar era preciso sujeital-o a passar uns quinze dias sob o regimen de um purgante diario para ficar n'um estado de fraqueza, em tudo semelhante ao estado da pobre velhinha e depois atirar-lhe em cima um cavouqueiro valente, possante e disposto a lhe cavoucar no corpo o amor que elle quer a cavoucar no da velha. E era deixar, para ahi, o nosso Pinheiro berrar a bom berrar.

— Ah! bruto, você não gosta de cavoucar nos corpos alheios! Pois, toma que te dou eu.

E o homem que estivesse descançado, que cavoucasse á vontade.

Calculem que esfrega levava o Pinheiro.

Depois dessa pena salutar, garantimos que podiam deixal-o ir em paz e liberdade, ninguem precisava mais por o corpo no seguro porque d'aquelle coração nunca mais sahiria um amor nas condições do primeiro. Nada! que gato escaldado da agua fria tem medo.

Fica ahi pois um conselho
Muito novo e salutar:
E' fazel-o, á força, velho,
E' mandar nelle cavar.

Jesus! que caso engraçado,
Que successo, seu Pinheiro!
Ver-se você cavoucado
P'lo ferro de um cavouqueiro!

Nunca mais ia você,
Isto aqui juro tambem,
Fazer *caros*, já se vê,
Sobre o corpo de ninguem.

AMOR E MONA

Quando eu te fujo e me desvio muito,
De pernas bambas, tropeçando, oh! bella,
Comtigo dizes, vomitando vinmes:
«Meu Deus que grande bebedeira aquella!»

E como acertas, tenho amor á mona.
Quem é que por um paraty não morre?
Só de ti fujo quando vou p'ra venda,
Tenho-te amor, mas tenho mais ao porre!

Tenho amor á genebra, ao tinto, ao porto,
A toda a pinga que sonhar me faça,
Ao gim, ao rhum ou á cerveja preta,
Ao fidalgo *champagne* ou vil cachaça.

O lavrandeiro faz-me rir em sonhos,
O Fritz-Mak me intumece os seios,
E, si sonhando tenho um pezadello,
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que eu em sonho muita vez, ao longe,
Um grande chuva meu rival diviso,
Eu tenho medo que elle beba tudo
E haja secca no meu paraiso.

Ah! si algum dia se fechasse a venda,
Toda esgotada da bebida a lista,
Diz: que seria d'este desgraçado!!
Diz: que seria do infeliz porrista?!

Baixára logo para a tumba negra,
Certo morrera da cachaça ausente!
E nunca, nunca reviver podera,
Chovesse embora chuva de aguardente.

Oh! não me chames coração de gelo,
Bem vês que cauna n'estas veias corre,
Si de ti fujo é que eu adoro a venda,
Bem sei que és bella, mas, prefiro o porre!

Heitor Quintanilha.

FABULAS DO «RIO NU»

X

A GRAÇA

Albertina dançando uma valsa,
Outro dia n'um baile em familia,
Poz o pé n'uma taboa mais falsa
E cahiu, agarrada a Cecilia.

Ambas ellas ficaram descalças
E voltara... que tristes que vinham!
Pois se tendo esquecido das calças
Viram todos a... graça que tinham!

MORALIDADE

Moça alguma das calças prescinda
Senão mostra uma valsa mais linda.

Bock-Bier.

TECIDO IMPALPAVEL

(HISTORIA ANTIGA)

O Dr. Aleixo é um d'estes typos a que impropriamente chamam bohemios, e que julgando-se escudados por um tal adjectivo, entendem que devem viver de expedientes á custa dos tolos que lhes acham graça, e lhe sustentam os vicios.

Deve dizer-se que o nosso doutor não era dos peores; não recorria a expedientes demasiadamente causticos, e levava a sua generosidade a n'unca dar tiros maiores de vinte mil réis, salvo em circumstancias por demais afflictivas.

Tão correcto procedimento levava o nosso homem a atravessar, por vezes, épochas de grande *pindahyba*, em que toda a philosophia do seu *cavadorismo* era posta á prova.

N'uma d'estas occasiões, vulgares na sua vida de miseravel malandro, achou-se o bom Dr. Aleixo em grande penuria de roupas, e, tendo de ir a uma reunião, apenas conseguiu, com bastante difficuldade, arranjar um terno á capricho e chapéo rasoavel; porem, meias e sapatos faltaram á chamada rigorosa a que elle procedeu, quando se preparou. Resolveu, portanto, dar um gyro pela rua do Ouvidor, esse inexgotavel Potosi dos mendigos bem trajados, e eil-o á obra. Vinte envestidas ficaram perdidas: era o fim do mez — a baixa do cambio — a carestia da vida — o diabo, emfim, servia de pretexto para lhe negarem o desejado cobre.

Finalmente, com grande trabalho, conseguiu vinte mil réis de um tolo, mais tolo do que os outros, mas era tarde, e só isso não chegava para meias e sapatos. Foi então que o doutor resolveu cortar o nó gordio comprando botinas nacionaes ordinarias e dispensando as meias.

Entrou, pois, no primeiro sapateiro que se lhe deparou fóra do centro dos seus conhecimentos, e não sem alguma vergonha, descalçou as velhas botinas para calçar as novas.

Notando que o sapateiro fazia reparo de ver-lhe o pé nú, procurou dar-se uns ares importantes dizendo ao logista:

«Parece-lhe que estou descalço, mestre, hein! Muitos se tem illudido da mesma maneira, porque, realmente a meia que uso é de um tecido tão fino, maravilhosamente delicado e transparente que se confunde com a propria carne!

O sapateiro ouviu, sem fazer um gesto, todo este palavriado, e quando viu que o homem tinha acabado o seu discurso, respondeu-lhe com a maior seriedade:

— «Está V. S. enganado; não me admiro absolutamente nada, porque eu proprio tenho uma ceroula da mesma fazenda, infelizmente, como a uso sempre, tem já um rasgão por traz.

C. Bento.

(Do *Concurso quinzenal.*)

THEATRO DO RIO NU'

Collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas e poesias

TAL QUAL !

MONOLOGO

Isto é um caso inaudito,
Não se conhece outro assim
Vociféro, berro e grito
Sem ninguem ter dó de mim.
A todos que o facto exponho
Dizem não ser natural,
E que até parece sonho
O tel-a achado... tal qual

Se não cahira n'um dia
Na tolice de casar,
Em assassados não me via...
Nem tinham de me aturar.
Porque se a vocencia manso
Eu contar-vos o meu mal,
Se por massador eu passo,
Foi por achal-a... tal qual !

P'ra receber uma herança
D'um irmão que me morreu,
Precisei de ir até França,
E p'ra lá parti só eu.
No seu estado interessante
Ficou ella em Bananal.
Isto é horripilante
—Na volta achei-a... tal qual

Té que a casa regressasse
A sós deixal-a temi,
E p'ra que por ella olhasse
A um bom amigo pedi.
— Vae buscar bem descançado,
Me disse elle, — o cabedal,
Que eu velarei com cuidado
P'ra que a esposa aches... tal qual !

A liquidar a herança
Bastante tempo levei;
E quando alegre de França
Passado um anno voltei,
Com uns dez contos o tanto
A' minha terra natal,
Encontrei — ó ceus, que espanto
A minha mulher... tal qual !

Ir consultar bons doutores
Foi bem depressa o que eu fiz;
Nem um só, porém, senhores,
Achou do problema o X !
Em resposta vão dizendo :
E' caso phenomenal !
E fica desconhecendo
A causa de estar... tal qual !

Resolvera a um tribunal
Entregar esta questão :
P'ra concluir, afinal,
Com uma separação !
Mas, disse-me um conselheiro:
— « Não vale barulho tal,
Pois muito homem de dinheiro
Encontra a mulher... tal qual... »

Ouvindo isto, é evidente,
Fiz a questão terminar,
Esqueci completamente
Esse caso tão vulgar...
E como de recolher-me
Sou nas horas pontual,
Vou já em casa metter-me...
Não digam que a achei... tal qual !

VERCEJADORES

Com esse titulo, a proposito de uma critica litteraria inserta na *Imprensa*, um homem que assigna-se *J. L.*, vem pela *Gazeta de Noticias*, de 23 do corrente, reparar a injustiça do *W.*, que é como se assigna o outro homem da *Imprensa*.

Diz o illustre Sr. *J. L.* que *W.* foi injusto, porque, citando como primeiros poetas os Srs. Bilac, Raymundo Correia, Oscar Rozas e Cruz e Souza, não teve uma referenciasinha para os Srs. Theophilo Dias, Luiz Murat, Severiano de Rezende, Guimarães Passos, Affonso Guimarães e Magalhães Azeredo.

Agora nós :

— Oh ! meu caro Sr. J. L., pelo amor de Deus !!... E onde fica o Dr. Valentim ?!

Não ha um lugarsinho para o Dr. Luiz de Castro ?

Não, meu caro Sr. J. L., decididamente você é muito mais injusto !!.

Endireite isso, Sr. J. L., endireite isso...

CEMITERIO DO «RIO NU»

XII

O MATTOS

Pague e não bufe
O seu tributo á morte pavorosa.
No dia em que ella entrou no tal *Sorvete*
Ganhou no jacaré pelo 60 !

BOCK.

Loteria Mineira Agave Americana— Extracções diarias, ás 3 horas da tarde, em Juiz de Fóra, com assistencia do Exm. Sr. Dr. Corrêa de Azevedo, Fiscal do Governo. Venda franca na Capital Federal. Agencia geral, rua Nova do Ouvidor n. 12, sub-agencia geral, Casa Seabra rua Gonçalves Dias n. 50.

FLORISTA

Aquelle Segismundo !... Aquelle Segismundo !...

***

onhecessem vocês a trefega mocinha !
Joanna, era o seu nome ; todos por *Janninha*
Chamavam-n'a porém. Era um anjo no mundo
Rechonchuda e corada, alegre e donairosa,
Parecia uma flor sanguinea e perfumosa,
O corpo aberto á vida, o olhar vivo, profundo...

Aquelle Segismundo !!... Aquelle Segismundo !!...
A bocca... Que boquinha !
Tão rubra, tão vermelha, abria-se em desejos...
E uns impetos se tinha
Ao vel-a, de cobril-a com um milhão de beijos...
Entretanto Janninha, um ar tão pudibundo,
Tinha que só de olhal-a..... Aquelle Segismundo !!!!...

Ah ! Vissem-n'a vocês ! O corpete bem justo
Mostrava a deliciosa turgidez dos seios,
E tumidos, e cheios,
A gente imaginava que, sem grande custo
Saltariam p'ra fóra, trefegos, cheirosos,
Augmentando o desejo
A todos os gulosos......
Mas visto, de repente, se offerece ensejo
Ao Legismundo, e então......

Eu lhes relato a historia :

Era cousa sabida, e de ha muito notoria,
Que Janninha fazia—rara perfeição—
Flores de panno e cera, de miolo de pão,
E de escamas e pennas, fóra outros trabalhos,
Para os quaes ella tinha grande habilidade.
Encommendou então Segismundo á beldade
Um grande ramo assim, de tres a quatro galhos.
E foi buscar as flores.

(Deu-se o caso que em casa a mamã de Janninha
Não se achava aquell'hora)
Eram finos primores
As bellas, coloridas flores que ella tinha
Armado sem demora.
Segismundo porem regateou no preço:
—«Janninha, dez mil réis é muito. Eu lhe offereço»
«Nove mil novecentos e quarenta. Quer ?»
E vai, Janninha bella,
Sem poder resistir, sentindo-se mulher,
Prompta p'ra recebel-o,
Recebeu das mãos delle a *cedula* de dez
E deu-lhe o *troco* após...

***

Eu não sei si vocês
Acham ter feito bem ou mal Janninha, a nós
Com aquelle moço alli não insistir no preço,
E dar-lhe o troco assim...
Sei de uma cousa apenas, e para ella peço
Discripção e silencio : E' que ... parece... Emfim
E' que Janninha tendo nesse dia a flor
Mais bella que possuia incognita, perdido,
Anda agora sem côr,
Olhar amortecido...

Dizem até, que as flores desprezando,
Ella irá cuidar do *fructo*,
Pois que olhar bastante arguto
Já notou seu *Deposito* augmentando.

(Do *Concurso Quinzenal*). SEU AQUELLE.

A FACADA

PARODIA PARA SER CANTADA COM A MUSICA DA ELVIRA

Quizera dar-te uma facada agora,
Porque pingando tenho o bolso meu ;
Não penses n'unca que te mordi alêm
Comer no mundo para mim morreu.

Quizera uns cobres, porém, tenho susto,
Pois que inda devo aquelles dez a ti,
Foi uma conta que eu não paguei n'unca,
Porque dinheiro n'unca em casa vi.

Um dia vindo junto a mim, mordeste,
Triste callado o cobre fui passando,
Meu bolso tinha uma porção de notas
E eu do dinheiro não vi mais o bando.

Eu quiz morder-te com tanta vontade,
Eu quiz morder-te com dente tão forte,
Jurei, ó mãos, mordedura eterna
Jurei somente não morder com a morte.

E tu tambem por tua vez mordeste,
Mordeste fundo o me disseste afada:
« Se eu algum dia precisar de cobre
De ti me venha uma pelega linda ».

Eu quiz te dar uma facada em troca,
Porque tu tinhas muito cobre, ai !
Fugiste o corpo e eu fiquei chuchando
No dedo grande do terceiro pé !...

Já fui mordido, que dentada aquella !
Eis a razão porque não posso mais ;
Não me crimines, que não ha dinheiro,
Eu tenho o bolso suffocado em ais !

Oh ! quantas vezes procurei morder-te,
Mas n'unca tive tanto medo assim:
A dor que eu tenho na barriga é tanta
Que não sei mesmo se indaerdou em mim.

Inda hei de ver-te muito arrependido
Passar o cobre me dizendo «ai ! ai !»
Não come disso, cem sem pai dos mutos,
Adeus, ingrato, vai morder teu pai.

INNOCENCIA

Quem havia de dizer que a Julia, aquella menina que era tão meiga e dançava tão bem, quem havia de dizer que ella fosse assim tão timida e tão ignorante em cousas de amor !...

O caso espantou a visinhança toda, e as amigas commentaram-n'o a rir, com exclamações de «que tola ! ora a innocente !» etc.

O noivo era o Juca, o Juca da charutaria, que não tinha nada de tolo nem de mole. Rapaz rico, bem prendado, com uma grande experiencia da vida, o Juca julgou que aquelle casamento era nada menos que um bom arranjo. Namorou a Julinha e pediu-a em casamento. Pediu e casou. Até ahi tudo ia seguindo a ordem natural das cousas. Mas o que ninguem esperava, nem o proprio Juca, era aquella obstinação da noiva em não querer entrar para a alcova nupcial, quando se foi embora o ultimo e mais cacete dos convidados.

— Entra, Julinha...

— Não, senhor ; não entro !

E o noivo correu a procurar o auxilio da madrinha e da sogra. Acudiu então todo o pessoal de casa.

— Entra menina...

— Não entro, não senhora !

— Mas, porque não queres entrar ?

— Porque *seu* Juca quer entrar tambem...

— Elle é teu marido...

— E' por isso mesmo, sim, senhora; é por isso mesmo.

— Porém, disse a mãe, sendo elle teu marido ha de ficar ahi tambem.

— Mas, mamãe não vê, disse a moça a choramingar, mas, mamãe não vê que esta alcova só tem uma cama ?

— E' por isso mesmo, tola ! Uma cama para os dous... E' isso mesmo... Os casaes dormem sempre na mesma cama... E' regra de sociedade...

— Deus me livre ! Eu ? ! Credo ! Eu dormir com outra pessoa na mesma cama ?... Não ! Nunca ! !

— Então, porque, tola ? disse a madrinha. Então porque ?... Uma vez é a primeira...

— A primeira, disse a moça, já mais altiva, a primeira, não senhora ! Quem foi que disse que era a primeira ? Essa é muito bôa !

— Pois que, minha filha,— disse a mãe—tu já alguma vez...

— Já, sim, senhora ! Já ! e por isso é que não quero entrar !

— Tu ?...

— Sim, senhora ! Eu mesma ! N'aquella noite, se lembra ? n'aquella noite que o primo Alberto chegou de fóra...

— O Alberto ? !!

— Sim, senhora ; elle disse que fazia muito frio no quarto delle e veio se aquecer commigo.

— Minha filha, isto é impossivel, disse a mãe, pondo as mãos na cabeça.

— Impossivel, não senhora ! Elle ate levou um tição de fogo p'ra debaixo do lençol... Deus me livre... Na mesma cama com outra pessoa, nunca. Deus me livre. Gente que dorme com tição de fogo... Credo ! Já basta o primo Alberto que queimou-me toda ! Deus me livre ! Credo !

O Juca e a sogra desmaiaram.

BOCK.

A TRISTEZA DA MARQUEZA

Sorria-se a Marqueza com gesto tão triste,
Tão triste, tão triste, que, como tristeza !
Jámais alguem viu o sorriso d'um christo
Alegre sorriso inspirar á Marqueza.

Casára, e um suspiro d'amarga saudade
Juntou aos gemidos soltados com dor ;
Perdeu a innocencia, perdeu virgindade,
Mas nunca lográra as doçuras do amor !

A' noite a Marqueza trocava os vestidos
Por custosos roupões deslumbrantes d'alvura;
Seus bustos encantos na roupa envolvidos
Impunham respeito á amorosa ternura.

Porém uma noite, assisim, despia
As galas diurnas e o somno a alcança...
Ao tempo não chega, que o somno a vencia,
E á borda do leito dormindo ficou.

Voltára o Marquez, quando a luz entrevendo
No quarto da esposa uma sinha falou ;
Não sendo attendido, penetra, entendendo
Que a pobre Mimi atraiçôa Morpheu.

Caminha só preso por luca de fita
Defende os encantos da bella Marqueza ;
Oscar, que embriaga o desejo que excita,
Desata esses laços com sábia presteza !

Nos seios marmoreos ostentam-se altivos
Dous roseos botões com um leve pendor ;
Correndo-lhe um cahos entre pombos captivos
Depõe elle os labios trementes d'amor.

Beijando a montanha que Venus topliza,
Cahiu de joelhos — alcança assim ! —
O aroma que aspira embriaga, electrisa,
Descende fragrancias d'um gozo sem fim !

Os crespos, ondeados e fartos anneis
Da côma dourada de beijos cobria,
Taes beijos acordam anhelos cruéis,
E um longo suspiro de gozo resôa !

Abria o'cerrando ella os olhos depressa,
«Se é sonho, pensou «entra vae vou sonhar !»
Sentindo as caricias, levanta a cabeça,
E ao ver o marido : «que fazes Oscar !?»

Os olhos baixando repara enleada
No estado completo da inteira nudez,
No seio do esposo ella occulta abrasada
O fogo dos olhos, as rosas da tez.

Vencida do gozo, soluça offegante :
«Bem hajas meu filho, oh bem hajas Oscar !
«Accordas minh'alma, já sei ser amante,
«Perdoaço-te agora, tambem sei amar !»

....

Não mais a Marqueza por noites geladas,
Buscou friorenta seus longos roupões ;
Prefere as camisas de sêda, bordadas,
Segura nos hombros por lenuas prisões.

Oscar, quando volta de noite a seus paços,
Encontra Mimi, a Marqueza adorada,
No leito em camisa de rendas, com laços,
Deitada á bordinha sonhando... acordada !

Sorri-se a Marqueza com gesto tão ledo,
Tão ledo, tão ledo, que causa alegria !
Nos bailes, nas festas—e nós, mas a medo—
Só o esposo a fitava, corando, sorria.

C. BENTO.

(*Do Concurso Quinzenal.*)

OCIOSIDADE

Andrade era um estabanado, precisamente um estabanado. Tinha coisas e acções de verdadeiro louco, embora possuisse, como se costuma dizer, um «coração de ouro».

O diabo eram as *tas* que faziam com que ninguem podesse responder pelo cmo do rapaz. Para proval-o, basta dizer que o Andrade não tinha idéa firme nem modo firmo de proceder em cousa alguma: se agora era homem para córar, e baixar pudicamente os olhos diante de uma cocote, d'aqui a meia hora, era capaz de propôr a acção mais hedionda a uma velhinha, tremula e sexagenaria, sem ter em consideração nem as rugas, nem as cans de tão respeitavel creatura. Luas do rapaz não era culpa delle.

Mas, o certo era que o Andrade, cinco minutos depois de consummado o sacrificio do paciente, ia direito ao primeiro padre que encontrava, e atirando-se-lhe aos pés liquefazia-se, quasi, n'uma torrente de lagrimas e, como bom christão, confessava os crimes, promettendo, com uma resolução de pedra e cal, nunca mais cahir n'outra.

Nessas occasiões elle tinha o modo de dizer, de confessar os peccados muito pessoal, muito invariavel. Dizia sempre, depois do convenientemento ajoelhado, persignado, contricto e arrependido...

— Foi o diabo desta carne, Sr. Padre... eu não tinha o que fazer e, vai d'ahi, faltei com o respeito a Sra. Fulana.

Isto era immutavel e os mesmos padres que o ouviam em confissão, levando á conta as lúas do rapaz, lastimavam o caso, é certo, mas sabiam-n'o irresponsavel e não o culpavam, por conseguinte, nem já estranhavam tão original monomania.

Comtudo, um dia não são dias, e o Andrade, de uma feita, depois de commetter uma serie de desatinos, pelos quaes as suas lúas eram os unicos culpados, arrependeu-se tão profundamente que foi, a toda a pressa, procurar um padre. Aconteceu que, á falta de outro, teve que se ajoelhar, precisamente, aos pés de um, que, não só nunca o tinha ouvido em confissão, como não tinha, siquer, noticia da sua loucura.

— Não chore, meu filho, conte-me os seus peccados !

— Foi o diabo desta carne, Sr. Padre... eu não tinha que fazer e, vai d'ahi, faltei com o respeito á criada !...

— Que grande peccado, filho !... Adiante...

— Foi o diabo desta carne, Sr. Padre... eu não tinha que fazer e, vai d'ahi, faltei com o respeito á minha prima !...

— Peccado enorme. !.. Adiante !

— Foi o diabo desta carne, Sr. Padre... eu não tinha que fazer e, vai d'ahi, faltei com o respeito a meu irmão !...

— Oh ! crime horrivel... Mas... adiante...

— Foi o diabo desta carne, Sr. Padre... eu não tinha o que fazer e, vai d'ahi, faltei com o respeito a meu pai !...

— O que ? berrou o Padre fechando a porta do confessionario ! Você tem que fazer agora !

ROSA DA PUREZA.

Em um dos cubiculos do carcere Modelo, de Madrid lê-se a seguinte quadra, escripta em uma das paredes:

Aqui por *justa* sentencia
Se encuentra un principiante
Que nó robó lo bastante
Para provar su innocencia !

Si non é vero... Pelo menos a quadrinha tem a virtude de ferir em cheio grande numero de honestos cidadãos que por ahi andam graças... ao codigo e aos juizes

Premios do «Rio Nú»

No nosso penultimo numero foi premiado: no *Motte a concurso*, MATREIRO que obteve o primeiro logar; na *Nossa adivinha* foi CUPIDO quem em primeiro logar conseguiu matar todas as questões. Ambos podem vir ao nosso escriptorio receber premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dous versos que devem ser glosados pelos concurrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, um volume, a escolher da *Collecção Popular Moderna*, editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, recebendo nós as glosas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte:

Foi ferida com certeza
Rosinha sahiu gritando

— Recebemos as seguintes glosas:

Eu mais Rozinha Thereza
Fomos caçar na floresta.
Fogo na pomba! que festa!
Foi ferida com certeza
Mas a moça, que fraqueza!
Ao ver o sangue jorrando,
Poz-se logo soluçando:
—«Ai que dor! não caço mais...
Vou já contar a meus pais.»
Rosinha sahio gritando.

MATREIRO.

Era de estranha belleza
Essa noite enluarada
Em que minha bem amada
Foi ferida com certeza...
Diz-me tu, ó Natureza,
Que lhe fez o bello Armando
De olhar amoroso e brando,
Sob a copa da mangueira,
Que, desgrenhada e ligeira,
Rosinha sahiu gritando!...

PASCACIO.

Rosinha Dias Vareza
Estava hontem magoada,
Com ares de agoniada
Foi ferida com certeza.
Causou-me até estranheza,
Fez-me até ficar scismando,
Quando com ella eu luctando
Para o seu mal me explicar;
Co'a mão n'um certo logar
Rosinha sahiu gritando.

A. A. NATICO.

Mal a vi, eu com presteza,
Atirei-lhe mesmo ao centro,
Acertei-lhe bem lá dentro,
Foi ferida com certeza.
Logo vi não ter defesa.
Quem os olhos revirando
Me olhava com olhar brando!
De morte feri a pomba;
Eu fiquei com a arma romba;
Rosinha sahiu gritando!
10—11—98.

C. BENTO.

Alli, n'aquella marqueza,
Tão alva, tão bonitinha,
Pelo seu noivo, a Rozinha
Foi ferida com certeza;
Porque foi tal a proeza
Que mostrou de quando em quando
Seu terno marido Armando,
Que do leito de setim
Erguendo-se foria assim
Rosinha sahiu gritando

DIDINHO.

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:

Ella punha a mão na frente
Elle punha a mão por traz.

As glosas devem vir em tiras, escriptas só de um lado.

Só recebemos até sabbado as glosas deste motte. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

MODINHAS BRASILEIRAS

O CASTIGO

(A' [illegible])

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
Ora, diz-me: esses queixumes
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
por peccar:
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar?

Porventura te esqueceste
Quando d'amor me prendeste
N'um sorrir?...
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!...

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito,
— Sem querer —
Arrastado por magia
Nas torrentes de harmonia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros,
Muito bellos, muito puros,
Como os teus;
Uns olhos assim tão lindos,
Mostrando gozos infindos,
Só dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto,
Senti no peito um encanto
Que não sei;
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei.

D'aquelle olhar namorado
Um momento embriagado
No fulgor,
Esqueci tua belleza,
Eu confesso: foi fraqueza,
Não — amor.

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar.

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente,
Minha flôr;
Por menor que seja o crime,
O — perdão — sempre é sublime,
Meu amor.

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
Só peccou;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
Aqui 'stou.

Mas se me déste, formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel,
Ai deixa que peça agora
Esse castigo d'outr'ora
O infiel!

Prende-me... n'esses teus braços
Em meigos, ternos abraços,
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije esse captivo
Essa mão.

Mata-me, sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó;
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido...
Sem um só!...

NOSSA ADIVINHA

«Honny soit qui mal y pense»

CHARADAS ANTIGAS

O Irmão d'um tal Zequinho-2
Com Elvira se casou-1
E entre beijos e carinhos
Um anno assim se passou.

Mas um dia a sorte muda:
E quando em casa elle entrou,
Foi fallar á doce amada
Com outro homem a encontrou!

P. LADO & COMP.

CHARADAS A' VAPOR

As direitas duro sou
Ou duro, ou curvo ou comprido
Duro porém inda estou
Se eu as avessas for lido. } 2

P. LADO & COMP.

As direitas mulher sou
Mulher faceira e formosa
As avessas n'agua estou
Se quem lava é caprichosa. } 2

P. LADO & COMP.

Se tu visses ficavas pasmado
Oh! amig oSouza!
A mulher de qualquer lado
Ser a mesma cousa! } 2

E. RABIAR.

As direitas vão me vêr
Cidade bellas entre as bellas
As avessas vão saber
O que eu tributo as donzellas. } 2

P. LADO & COMP.

CHARADA NOVISSIMA

Nas pernas de Celina diviso um bichinho—1—1—2.

P. X. BEC.

Na rua esta mulher é boa fazenda—1—2.

K. NITO.

Encobre esta mulher que é uma droga—2—2.

DR. MARAVILHA.

E' tão veloz o soffrimento que eu ando—2—1.

LAMBE & SOCA.

VERSOS A CONCLUIR

Pedrinho, rapaz bonito,
Das raparigas querido,
Andava sempre na ponta
Do bigodinho torcido.

Trajando com elegancia,
Com esmero e perfeição,
Era muito conquistado
Por ellas, o rapagão.

Marocas, que é muito feia,
Mas que julga-se bonita,
Disse um dia p'ra vizinha
A elegante Pepita:

Se eu pudesse Pepita,
Ficava toda babosa
Se junto d'elle algum dia
Desse dois.. ... (?)

A. A. NATICO.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é? O que é?

Quanto mais se mexe, mais cresco?

D. VASCO.

LOGOGRIPHO

DAS «ESPUMAS FLUCTUANTES» DE CASTRO ALVES

Como o genio da noite, que desata—17-5-6-7-23-9-11-17-18.
O véo de rendas sobre a espadua nua—11-5-6-12-2-4-7-15-9-10-10
Ella solta os cabellos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata.
O seio virginal, que a mão recata—1-10-6-10-23
Embalde o prende a mão... cresce, fluctua...—6-13-20-10-23-6-18
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na serenata!
Furtivos passos morrem no lagedo...
Resvala a escada do balcão discreta
Matam labios os beijos em segredo...—6-11-23-9-14-12-16-8
Afoga-me os suspiros, Marietta—24-27-26-26-4
Oh surpreza! oh pallor! oh pranto! oh medo—21-9-6-5-6-7-9-26-25
Ai! noites de Romeu e Julieta.

E. E. PA VENTO.

Só recebemos as decifrações deste numero até quarta feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo nós o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, um volume, á escolha, *Collecção moderna*, bibliotheca editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

Acceitamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras, escriptas só de um lado.

Os *pontos* n'este torneio são contados um por questão decifrada ou por trabalho publicado.

Servem tres *pontos* para a distribuição dos premios, que faremos aos cincoenta primeiros collaboradores e decifradores, no fim do anno corrente.

Decifrações e decifradores do n. 10.

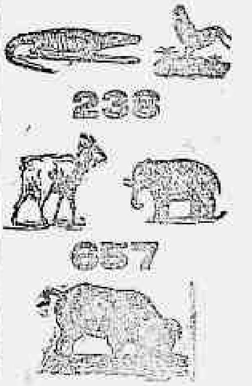
Propuzemos 31 questões, cujas decifrações [illegible]:

1ª [illegible], 3ª *Cas[illegible]*, 4ª [illegible], 5ª [illegible], 6ª [illegible], 7ª [illegible], 8ª [illegible], 9ª [illegible], 10ª *Pavão*, 11ª [illegible], 12ª [illegible], 13ª [illegible], 14ª *Lambe-Sorte*, 15ª [illegible], 16ª [illegible], 17ª [illegible], 18ª [illegible], 19ª [illegible], 20ª [illegible], 21ª [illegible], 22ª *Alvares*, 23ª [illegible], 24ª [illegible], 25ª [illegible], 26ª [illegible], 27ª *Lua*, 28ª [illegible], 29ª *Marechal Floriano Peixoto*, 30ª [illegible], 31ª [illegible].

Decifraram:

Cupido 21, Frei Larica 20, E. E. Pá Vento 22, P. Lado & C. 20, E. Rabiar 22, [illegible] 28, Didinho 28, Guimes 28, Frei Ganso 30, Tapa, Todos & Comp. 27, Jacy 18, K. C. Paró 20, K. Nito 30, Parasita 28, Frei G. Daira 29, Maravilha 29, Sonam 25, Fanatico 26, Rodrelas 30, Sara Cura 30, Pau Pomos 22, K. Te Rita 30, Lambe-Soca 23, Frei K. Olho 18, A. A. Natico 10, E. E. K. Mellado 26, X. K. Cedo 27, Dr. Chora Pitangas 27, Sá Nota 27, Atarah 23, Jacob Ino 10, Macaco & Comp. 25, D. Vasco 28, Frei Pias-Sova 20, K. Marão 23, Q. Ld 21.

QUEBRA CABEÇAS



FOLHETIM 6

UM HOMEM NÚ

TRADUCÇÃO DE

Vaz Simão

(Continuação)

O joven martyr, desenhado com valentia e pintado com amor, retorcia-se dolorosamente no potro com o seu magnifico e natural movimento do corpo, emquanto que em seu rosto inspirado apparecia uma especie de estase e de aureola celestial.

Clara excedera-se a si mesma.

Nenhuma das obras que o seu pincel produzira até então era comparavel áquella.

Ella mesma parecia assombrada com a sua obra.

E tinha razão para isso.

Durante as suas ausencias do *atelier* o habil pincel de Alberto retocava os defeitos da tela, dando-lhe nova vida, sem que ella se apercebesse d'aquillo.

Como poderia suspeitar que o modelo cego fosse um artista inspirado e de talento, que se entretinha a corrigir os defeitos da sua obra!

∴

Uma tarde—havia já vinte e oito dias que começara o trabalho—Alberto estava pensativo e triste, considerando que a obra chegava a seu termo e que dentro em poucos dias a bella artista não teria mais necessidade dos seus serviços e que seria preciso abandonar aquella deliciosa mansão.

Partir! não vel-a mais

Era isto possivel?

Não.

Clara apparecea n'aquelle momento; estava agitada, nervosa, mordia raivosamente os seus formosos labios, murmurava phrases desconnexas e impacientava-se com as cousas mais insignificantes.

Durante as primeiras sessões, a joven, com severa etiqueta, trabalhava rigorosamente vestido de preto, corpinho fechado na garganta e mangas justas; depois, julgando que a cegueira do modelo permittia-lhe outras liberdades, trabalhava com um simples penteador de baptiste e muitas vezes sem collete.

Aquella tarde a joven parecia afogada pelo excessivo calor do *atelier*, no qual, para commodidade do modelo, sustentava-se uma alta temperatura. Poz-se a trabalhar nervosa e febril; parecia presa de violenta agitação.

Alberto, na incommoda posição que representa o santo amarrado á arvore e soffrendo a chuva de flechas que lhe disparam os seus verdugos, guardava obstinado silencio, contemplando amorosamente a gentil artista.

— Vamos pintar as flechas,— disse Clara com voz breve.

—Como queira.

A joven deixou a palheta e dirigindo-se a um angulo do atelier em que se via uma porção de armas raras e curiosas, trazidas por seu marido de affastadas regiões, começou a procurar as de que carecia para o seu quadro.

Cedo encontrou o que desejava.

Tomou de uma flexa rigorosamente authentica e disse a Alberto:

—Tome esta flexa e procure tel-a de modo e na direcção conveniente, como se estivesse cravada no peito.

—Perfeitamente.

Assim. Sustente-a ligeiramente apoiada sobre a carne... um pouco mais para cima.

—Está bem assim?

— Está.

O mancebo ficou immovel, sustentando a flexa na attitude indicada.

Clara tomou de novo a palheta e os pinceis e voltou ao trabalho.

Pouco depois, fosse porque estivesse perturbado ou nervoso, porque a posição violenta do braço o encommendasse, ou porque o mão humor da pintura a levasse a commetter uma injustiça contra o pobre rapaz, o caso é que atirando com raiva os pinceis ao chão e apartando-se do cavallete, Clara fixou colericamente, exclamando com azedume:

—Assim é impossivel pintar! Em que está o senhor pensando?

—Senhora... eu...

—Não é assim que deve manter a flexa! Ha de estar mais direita. Muito mais direita!

—Assim?

—Tambem não. O senhor não comprehende que com o braço me occulta a sombra que devo desenhar-se sobre o peito?

—Então pondo o braço deste modo... e Alberto com paciente doçura mudou a posição do braço.

—Oh! assim está peior! O senhor hoje está insupportavel! Não comprehende nada.

(Continúa).

PORTARIA

A'quellas pessoas que nos distinguem com sua collaboração, fazemos notar outra vez que só nos serve o que liver malicia sem obscenidade. Não publicamos pseudonymos immoraes.

As columnas do nosso jornal são, entretanto, francas, mas d'entre a collaboração que nos fôr enviada, reservamo-nos o direito de fazer a nossa escolha.

A todos quantos queiram fazer qualquer reclamação pedimos o especial obsequio de vir ao nosso escriptorio, pois que é para nós completamente impossivel responder á grande quantidade de cartas recebidas.

EXPEDIENTE

As pessoas que, do interior, queiram ser assignantes do «Rio Nú» devem remetter, em vale postal, a esta redacção, a importancia das assignaturas, com os respectivos endereços.

Approximando-se a época da reforma de assignaturas, temos o prazer de communicar aos nossos assignantes e leitores, que encommendamos á casa Wedells & C. de Hamburgo, a confecção de elegantes carteirinhas que distribuiremos como

PREMIO DO RIO NU'

Além desse premio temos uma variada collecção de romances e obras litterarias, com que brindaremos aos nossos assignantes nas seguintes

CONDIÇÕES

Aos assignantes de anno uma carteira e um livro á escolha.

Aos assignantes de semestre um livro á escolha.

São estes os livros que destinamos aos nossos assignantes:

PAULA LUIZA.— O Necrotério.
A. RAPOSO.— Neurose Mystica.
DELIA.— Celeste.
A. CAMINHA.— No Paiz dos Yankees.
CRUZ E SOUZA.— Broquéis.
V. DE CASTRO.— Diario de um solteirão.
L. ROSA.— Imagens e Visões.
V. VARZEA.— Rose Castle.
PAULO DE KOCK.— Gustavo o Estroina.
JULIO MARY.—Paixão e Odio.
PAULO DE KOCK.— A Menina das tres saias.
H. P. ESCRICH.— A visinha do poeta.
PAUL FÉVAL.— A Creoula.
ANSELMO RIBAS.— A Seara de Ruth.
PAULO DE KOCK.— A Dama dos tres espartilhos.
ALEXANDRE DUMAS.— Vingança Corsa.
ARTHUR AZEVEDO.— A Capital Federal.— A Fantasia.
PAULO DE KOCK.— A' Procura de noivo.

AGENTES DO «RIO NU»

São nossos agentes, encarregados da venda avulsa, annuncios e assignaturas os Srs.:

Rizal & C.—Bello Horizonte.
Magalhães & C.—Santos.
A Guimarães.—S. Paulo.
Mariano Guarnieri.— Ouro Preto.
Gonçalves & Mattei.—Campinas.
M. Rosa Teixeira.—Lafayette.
Justiniano José da Silveira.—S. João Nepomuceno.
Elzaias de Almeida.—Estação do Figueiras.
João Gomes França.— Estação de Santa Helena.
Luiz Carauta.—Estação do Sorego.
Antonio Fernandes Filho.—Aldeada de Pitangoy.
Francisco Serra.—Boa Familia de Muriahé.
Antonio José de Carvalho Amarante.—Santo Antonio do Aventureiro.
Antonio Ferreira Mendes.—Macuco.
José H. de Mello.—Cidade de Oliveira.
Francisco Ribeiro. — Estação de Carlos Gomes.
Francisco Ferreira Silva.— Estação da Conceição.
Antonio José Teixeira — Porto Novo do Cunha.
Antonio Angelo Soares—Descalvado.
Joaquim de S. Soares—Jardinopolis.
José H. Carvalho—Silveiras.
Olympio Gomes Almeida—Estação de Mantiqueira.
Antonio Lopes de Faria—Ponte Nova.
Fernandes Terceiro — Rabiza de Matto Dentro.
Manuel Soares Costa—Ubá.
Sergio Silva—Visconde do Rio Claro.
José Augusto Schimidt—Mogy-mirim.
Luiz Ferreira do Amaral—Araraquara.
Silva Telesphoro—Rio Branco.
Luiz Teixeira Junior—Bapeceira.
T. Siqueira Junior—Mogó.
Benedicto Gervasio Marinho—Estação de Cerquilho.
Luiz Ernesto Marcuglio—Santo Antonio da Rifaina.
Oscar Santos—Espirito Santo do Pinhal.
Elias Pacheco—Mineiros.
Custodio José da S. Martins—Domina de Queiroz.
José Esteves da Costa—Pirassununga.
Benedicto A. Ferreira—Banharem.
Antonio de Sá Carvalho—Macahé.
Francisco Malheus da Costa Ferreira—Cholula.
Virgilio de Moraes—Tanbaté.
Norival Lobo—S. José d'Além Paraiyba.
Antonio de Avila P. Soares.—Santo Antonio de Jacutinga.
Luiz Caetano da S. Ribeiro. — Est. do Rodeiro.
Antonio José Godinhô—Lapa — Paraná.
José Fernandes Rangel — S. José do Paraiso.
Antonio Basilio Pereira — Sant'Anna do Pirapetinga.
José Soares Junior —Cachoeira.
Manoel Alves Cortes Valente—Est. Aurora.
Machado José Pereira — S. Sebastião dos Torres.
Antonio Bueno—Conceição do Rio Verde.
João da Costa Sol—Est. da Esperança.
Ignacio Paulos Brandão — Poços de Caldas.
Cincinato José de Carvalho — Paranaiba — Piauhy.
Germano Christovão Hulters — Pirapetinga do Mantimento.
Hermenegildo de Paula Vieira — S. Sebastião da Paraiba.
João Correia Neto Junior — Vermelho Novo.
Francisco Moreira Duarte — Conceição da Barra.
Carlos Teixa Pereira — Estação do Penha Longa.
Guilherme Fischer — Santa Maria — Rio Grande do Sul.
João da Silva Quadros — S. Sebastião do Sarrancento.
Jeronymo Martins de Andrade — S. José do Tijuca.
Gabiao Batista — Ribeirão Preto.
José Lopes de Araujo — Papagaio do Carvalho.
João Baptista de Souza Furmiga.
José Luiz de Oliveira — Bom Successo de Sebastiana.
Victor Antonio Madeslo — S. Miguel do Verissimo.
Tito Evangelista Marques Guimarães — São João do Morro Grande.
Arthur Bachert & C. — Campos.
Cesario Possidonio de Souza — Areia — Bahia.
João Augusto Loyola — Batalha.
A. Agapito Prates — S. Miguel do Jequitinhonha.
Pedro Alves Lonsada — Est. de Schoil.
J. da Costa Lima — Baraheby.
J. Gonçalo de Souza — Santa Cruz das Palmeiras.
Fernando Antunes — Cidade do Pomba.

ANNUNCIOS

RHUM CREOSOTADO
DO PHARMACEUTICO
ERNESTO DE SOUZA

Infallivel na cura de todas as molestias do peito.
Combate, como por encanto, o emagrecimento e a fraqueza geral, faz desapparecer as dôres no peito e nas costas, tão comuns aos enfermos d'esta terrivel molestia.
As enfermas suammidas das medicas receitam hoje esse preparado como a mais acertada descoberta scientifica medicinal, que é verdadeiramente assombrosa nas curas que tem produzido tão milagrosamente.
Exija-se sempre o nome do pharmaceutico **Ernesto de Souza**.
A' venda em grosso e a varejo em todas as pharmacias e no deposito geral do fabricante á

19 TRAVESSA DO OUVIDOR 19
PREÇO DO VIDRO 4$000

A's pessoas do interior, que desejarem fazer uso desse milagroso preparado, é bastante escreverem á Ernesto de Souza, travessa do Ouvidor 19, mandando a quantia de 1$ó para cada vidro, que serão promptamente aviados.
DEPOSITO: Araujo Freitas & C., rua dos Ourives 115, esquina da rua de S. Pedro; Bragança, Cid & C., rua de S. Pedro n. 78 e drogaria Pacheco, Andradas n. 59 e Primeiro de Março n. 8.

THEATRO VARIEDADES

Tendo de se proceder á reforma do panno-annuncio do theatro Variedades, communica-se aos Srs. annunciantes que recebem-se desde já pedidos de espaços, por obsequio, na redacção d'este jornal.

CONTOS PARA VELHOS
DE
BOB
UM ELEGANTE VOLUME
COM
CAPA ILLUSTRADA A DUAS CORES
2$000

ROMANCES A 1$000
PAULO DE KOCK
Gustavo, o Estroina. A Dama dos Tres Espartilhos, A Menina das Tres Saias, A' Procura de Noiva.
ANSELMO RIBAS
A SEARA DE RUTH
PAUL FÉVAL
A Creoula
JULIO MARY
Paixão e Odio
H. P. ESCRICH
A VISINHA DO POETA
ALEXANDRE DUMAS
VINGANÇA CORSA

A' VENDA NO ESCRIPTORIO DESTA FOLHA

Monologos a 200 réis

Os Canarões, o Estudante Alsaciano, Jogo Novo, Descuidos, Os Proverbios, Correção no Mar, A Terra das Maravilhas, No Meio, Não Acha— Minha Senhora ? O Meu Nariz, Um Proverbio Desmentido, A Dentista.

A' venda
NO ESCRIPTORIO D'ESTA FOLHA

Modinhas a 200 réis—Pescaria, Quiz debalde varrer-te da memoria, A saudade, Seu Anastacio, Saudades do norte, Canto do cysne, Ao luar, Lundú da Mariquinha, Quando seu bem vai-se embora, Vêde o lyrio do campina, Coração para chagar, Acho bem mas moro longe, Serenata, Um manuxo de ynyá, O augmento dos passagens na estrada de ferro, Isbella, Ai moro bem se eu te não amo, Sobre o mar de lerno amor, Oh! mulher não sorrias, não chores, A princeza do imperio chinez, Despeito, Perdão, Se para amar-te for mysier martyrio, Teus olhos azues, Modinhas do coração, Talvez não creias, O desprezo, Chiquinha, se eu te pedisse, O sentimento, A vida é um sonho, Talvez não creias, O canto da sertaneja, A morte do marechal Bilbencourt, O bond de Santa Theresa e Maria; á venda no escriptorio d'esta folha.

Fabrica de sardinhas
EM
SALMOURA
Preparado especial
FABRICA NA PONTA DO CAJU'
(Quinta)
Deposito: RUA DO CATTETE N. 95
LISBOA & FONTES

GONORRHÉAS
Flores brancas (leucorrhéas)
Curam-se radicalmente em poucos dias, com o **Xarope e as pilulas de matte Ferruginoso**, approvados pela Clinica, pela hygiene, unicos reais do mercado pela sua composição inoxerola e reconhecida efficacia podem ser empregados sem o menor receio.
Vendem-se unicamente na pharmacia **Brasileira**, rua da Uruguayana 163.

CAFÉ JEREMIAS
Deposito e fabrica deste especial café moido
216 RUA SENADOR EUSEBIO 216
Esquina do do Visconde do Sapucaiy
BOTEQUIM JEREMIAS

CHARUTARIA CASTELLÕES
Fabricam que vendem charutos
S. Luiz do Paraitinga;
Barbacena (Minas);
Espirito-Santo do Pinhal;
Bragança;
Mococa;
Barbacena.
DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAYA
Guimarães & C.
71 LARGO DO ROSARIO 71
S. PAULO

BICYCLETTES
Faz qualquer concerto com promptidão, barato. Chegou um grande sortimento de accessorios para diversas bicycletas. Esmaltes de diversas côres, garantindo-se ser o mesmo que o da Europa.
Tambem bicycletes novas e pouco usadas, compram-se e vendem-se.
ALBERTO C. KING & C.
190 Rua da Alfandega 190